

O FEMININO PARA ALÉM DE FREUD – AS CONTRIBUIÇÕES DE KAREN HORNEY¹

Giulia Bürger²
Anna Costa Pinto Ribeiro³

RESUMO:

O patriarcado iniciou há três mil anos a.C. e atribui ao feminino uma inferioridade, ao passo que valoriza o masculino. Conta com diversas táticas de controle e opressão. Haja vista que a humanidade e a ordem social são regidas por fatores conscientes e inconscientes, percebe-se o contínuo atravessamento dos discursos ideológicos dominantes, presentes na sociedade. Essa percepção é facilitada pelos avanços do movimento feminista, que escancaram os absurdos desse sistema, marcado por inúmeras violências. No início do século XX, em Viena, esse sistema estava tão entranhado na sociedade da época que tornava difícil demais sua identificação, sobretudo à mente masculina. Desta forma, a psicanálise não escapou das amarras do patriarcado, e apesar de ter sido essencial para a mulher, concedendo-lhe voz e espaço para expressão de seus desejos, sua teoria da sexualidade feminina carregou preconceitos, se tornando inadequada, principalmente em pleno século XXI. As revisões que acompanham as mudanças da cultura mantêm a psicanálise viva e dinâmica. Nesse intuito, este trabalho resgata a teoria de Karen Horney, que contribui para uma extensão do pensamento freudiano, um para além rompendo com interpretações universalistas da humanidade. Dessa forma, Horney questiona o poder atribuído naturalmente ao masculino e reformula os pensamentos sobre a mulher, criando a teoria da psicologia feminina, inserindo questões socioculturais à constituição psíquica. Este artigo aborda uma pesquisa de cunho exploratório a fim de ampliar e aprofundar os conhecimentos frente ao tema. A metodologia utilizada no auxílio da pesquisa de bibliografia foi a revisão narrativa.

Palavras-chave: Mulher. Patriarcado. Teoria da Sexualidade Feminina. Psicanálise. Karen Horney.

LE FEMININ AU-DELÀ DE FREUD – LES CONTRIBUTIONS DE KAREN HORNEY

RÉSUMÉ:

Le patriarcat a commencé il y a trois mille ans avant JC et attribue une infériorité au féminin, tout en valorisant le masculin. Il a plusieurs tactiques de contrôle et d'oppression. Considérant que l'humanité et ses formes d'organisation sociale sont régies par des facteurs conscients et inconscients, on perçoit le croisement continu

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 19/10/2021 e aprovado, após reformulações, em 19/11/2021.

² Discente do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: giulia_burger@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: annaribeiro@uniacademia.edu.br

des discours idéologiques dominants, présents dans la société. Cette perception est grandement facilitée par les avancées du mouvement féministe, qui exposent les absurdités de ce système, marqué par d'innombrables violences. Au début du XXème siècle, à Vienne, ce système était tellement ancré dans la société de l'époque qu'il le rendait trop difficile vraiment de l'identifier, surtout pour l'esprit masculin. Ainsi, la psychanalyse n'a pas échappé aux liens du patriarcat, et bien qu'elle ait été essentielle pour la femme, leur donnant une voix et un espace pour exprimer leurs désirs, sa théorie de la sexualité féminine a emporté des préjugés, devenant inadéquate, surtout au XXIème siècle. Les révisions qui accompagnent les changements culturels maintiennent la psychanalyse vivante et dynamique. En ce sens, ce travail sauve la théorie de Karen Horney, qui contribue à une extension de la pensée freudienne, un au-delà, rompant avec les interprétations universalistes de l'humanité. Horney remet ainsi en cause le pouvoir naturellement attribué au masculin et reformule la pensée sur la femme, créant la théorie de la psychologie féminine qui insère des enjeux socioculturels dans la constitution psychique. Cet article aborde une recherche exploratoire afin d'élargir et d'approfondir les connaissances sur le thème. La méthodologie utilisée pour faciliter la recherche bibliographique était la révision narrative.

Mots-clés: Femme. Patriarcat. Théorie de la sexualité féminine. Psychanalyse. Karen Horney.

1 INTRODUÇÃO

Christine Delfhy apresenta o significado da palavra patriarcado, que em sua origem derivada do grego compreende literalmente o pai como autoridade, referindo-se ao homem que exerce o comando da família ou que domina alguma esfera social, não dependendo de nenhum outro homem. Já no final do século XIX, a palavra ganha um segundo significado que conceitua a pré-existência de um direito materno substituído por um direito paterno. Um terceiro significado ganha forma com o movimento feminista a partir de 1970, conferindo um sistema de dominância masculina, onde a mulher é tomada como ser inferior. (DELPHY, 2009, apud PARENTE, 2020)

Tendo em vista que a humanidade e suas formas de organização social são regidas por fatores conscientes e inconscientes, assim são também definidos todos os significantes (CECCARELLI, 2007). Sendo os significantes homem e mulher constituídos por elementos representativos estabelecidos pela cultura, pode-se pensar que a psiquê é moldada socialmente para crença em uma ilusória superioridade masculina, em detrimento de uma suposta inferioridade feminina, pois

são valores milenares que atravessaram a história, construídos desde o início da civilização.

Sendo o significante feminino historicamente atrelado ao significante mulher, características atribuídas à feminilidade também são rebaixadas a essa categoria inferior, sendo desvalorizadas pela cultura patriarcal. Leite e Melo (2021) argumentam que é em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual que determina um lugar de subalternidade às minorias sociais. Os autores pontuam que a homossexualidade adequada ao padrão patriarcal racista do capitalismo carrega os valores da masculinidade, sendo então mais aceita, enquanto a homossexualidade afeminada e preta é tomada como transgressora.

Simone de Beauvoir, no final da década de 40, afirma que o lugar da mulher na sociedade é sempre estabelecido pelos homens. “Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.” Para ela, o patriarcado se firmou, de fato, quando iniciou a redação escrita de mitologias e suas leis. Pois o homem era quem criava os códigos, e atribuía à mulher “[...] uma situação subordinada.” O temor que sentiam em relação às mulheres fez com que criassem leis que as oprimiam. Segundo a autora, em algum momento da história os homens receberam privilégios que permitiram a dominância sobre as mulheres. (BEAUVOIR, 1970, p.98-101)

Assim como os códigos e leis, a psicanálise também foi criada eminentemente por mentes masculinas, e teorias e conceitos sobre a mulher e o feminino sofreram com o atravessamento do machismo. Para escapar das amarras do patriarcado, é preciso estar alerta para combatê-lo, distanciando-se de preconceitos enraizados na cultura e se embasando em uma forma crítica de analisar a psiquê humana, suas relações e subjetividades. Para isso, a história precisa ser resgatada, e aliada às análises socioculturais, deve ser investigada, discutida, refletida e até mesmo questionada.

Essa percepção é muito facilitada pelos avanços do movimento feminista, que escancaram os absurdos desse sistema, marcado por inúmeras violências, desigualdades e injustiças. No final do século XIX e início do século XX, em Viena, esse sistema estava tão entranhado na sociedade da época que tornava difícil demais sua real identificação, sobretudo à mente masculina. Desta forma, a psicanálise não escapou das amarras do patriarcado, e apesar de ter sido essencial para a mulher, lhe dando voz e espaço para expressão de seus desejos - que eram completamente

velados na época - sua teoria da sexualidade feminina carregou preconceitos, se tornando inadequada, principalmente em pleno século XXI.

Freud (2020) alertou para a precariedade de um saber composto por discursos totalizantes, como são as verdades das religiões. Afirmou que a psicanálise não consegue abranger tudo, o que a torna incompleta, e que ela não se propõe à uma autossuficiência, capaz da construção de sistemas. Dentro desta lógica, sua obra não pode ser tomada como verdade absoluta, cristalizada, restrita a seu tempo, a sua cultura e a sua própria visão de mundo. Com base em suas críticas e em sua própria forma de construir suas teorias, promoveu o ensinamento da importância de atualizar e renovar a psicanálise continuamente, a partir de pensamentos críticos e das mudanças trazidas pela cultura, a fim de manter a psicanálise viva e dinâmica.

Essa lógica freudiana possibilita então a revisão sobre a feminilidade na psicanálise, onde o próprio Freud alegou não ter esgotado o assunto, dizendo que suas ideias sobre o feminino estavam reduzidas a fragmentos. Além disso, recomendou para aqueles que têm o desejo em saber mais sobre o assunto, que estes indaguem sobre a própria vida, consultem os poetas ou então que aguardem novas informações da ciência, mais coesas e profundas. (FREUD, 2018)

Freud (2018) orientou-se predominantemente de forma anátomo-fisiológica, e desconsiderou bastante a parte sociológica, apesar de breves aproximações feitas entre questões sociais e a constituição da feminilidade em resposta às feministas, porém não aprofundou e nem deu grande importância a esses fatores. Dessa forma, foi fortemente questionado por Karen Horney, médica psicanalista contemporânea de Freud.

Karen Danielsen nasceu no dia 16 de setembro de 1885, em Blankenese, na Alemanha, e lá viveu grande parte de sua vida até se mudar para os Estados Unidos em 1932. Teve sua vida marcada pela depressão, e foi analisada por Karl Abraham - discípulo de Sigmund Freud - do qual se afastou, interrompendo a análise após ele ter feito interpretações simplistas de acordo com a teoria da inveja do falo (teoria freudiana). Foi uma psicanalista famosa por ter fundado a teoria da psicologia feminina e ser cofundadora da teoria neofreudiana. (ROUDINESCO E PLON, 1998)

Horney (1959) não teve por finalidade de suas críticas à psicanálise apontar os erros cometidos por Freud. Ela reconhecia a magnitude e importância de sua teoria. O que pretendeu foi eliminar elementos discutíveis, libertando-se das ideias

condicionadas historicamente, elevando o desenvolvimento da teoria dentro de suas possibilidades. Ou seja, contribuiu com suas revisões para uma extensão do pensamento de Freud, um para além, rompendo com interpretações universalistas da humanidade. Dessa forma, questionou o poder atribuído naturalmente ao masculino e reformulou a teoria do feminino.

Os principais pontos questionados por Horney (1991) foram: Freud ter dado supereminência à inveja do pênis; ter reduzido a teoria do feminino ao oposto do masculino, não atribuindo nenhuma característica específica à constituição do feminino; ter considerado características inatas à mulher como o masoquismo e o temor à perda do amor; a universalidade de sua teoria, desconsiderando fatores socioculturais; ter preconceitos teóricos que em certo ponto coincidem com os preconceitos culturais de sua época.

Horney - assim como outras psicanalistas contemporâneas - não recebeu credibilidade e real importância dentro da psicanálise, em comparação aos analistas homens. Em sua época as vozes femininas eram ainda mais caladas e não possuíam espaço para ecoar. Talvez por isso sua teoria seja tão pouco debatida e estudada no Brasil, ficando um tanto esquecida na história. Não se encontra hoje para comprar, traduzida para o português, sua principal obra intitulada *Psicologia Feminina*, entre outros trabalhos.

A psicanálise freudiana não escapou desse olhar patologizante e reducionista sobre o feminino, por isso a necessidade de estudar e analisar a história e a teoria da psicologia feminina de Karen Horney, que fez crítica explícitas e conducentes a Freud, ampliando a visão sobre a constituição da feminilidade, atribuindo fatores socioculturais e eliminando elementos carregados de uma ideologia dominante.

É comum ouvirmos argumentos de que Freud foi machista e preconceituoso, que acabam por desconsiderar seu trabalho e suas contribuições para a sociedade. Dessa forma fica a pergunta: como uma mente tão genial não foi capaz de perceber o patriarcado e seus efeitos sobre as constituições psíquicas? Talvez a resposta seja: não foi possível devido à sua imersão às questões culturais de uma sociedade extremamente patriarcal, não conseguindo assim atingir a resposta sobre o que é uma mulher e o que significa o feminino, deixando brechas para que a teoria de Karen Horney pudesse avançar neste campo teórico.

O objetivo geral deste trabalho foi compreender os atravessamentos do patriarcado, desde a história da civilização até a obra de Sigmund Freud, principalmente em sua teoria da sexualidade feminina e seus conceitos sobre a mulher. Para isso, foi necessário resgatar: a história da mulher e do patriarcado, analisando suas marcas na constituição psíquica da mulher; a teoria da sexualidade feminina de Freud, discutindo as influências de seu contexto social e os pensamentos da época; e por fim, a teoria da psicologia feminina de Karen Horney e suas críticas a teoria freudiana.

O artigo aborda uma pesquisa de cunho exploratório a fim de ampliar e aprofundar os conhecimentos frente ao tema. A metodologia utilizada no auxílio da pesquisa de bibliografia foi a revisão narrativa que, segundo Rother (2007), é uma revisão abrangente e própria para debater e retratar o desenvolvimento do assunto escolhido. As bases teóricas foram a sociologia, a história, a psicanálise freudiana, a psicanálise pós freudiana, a psicologia feminina de Karen Horney e a psicologia social. As bases de dados utilizada foram os livros sociológicos, psicanalíticos e livros de Karen Horney, e para a pesquisa eletrônica foram consultadas as plataformas Pepsic, Scielo, e Google Acadêmico na busca de textos referentes ao tema.

2 FACES DA HISTÓRIA DA MULHER E DO PATRIARCADO

Temos assistido a significativos retrocessos políticos, culturais e sociais ao redor do mundo. Todos eles ligam-se aos ideais conservadores patriarcais, alinhados a um capitalismo feroz. Por outro lado, as mulheres estão em estado de alerta. Levantes feministas e diferentes versões do debate proliferam ao redor do mundo num grande movimento para que os avanços em relação à igualdade de gênero e à liberdade não retrocedam e sigam seu rumo de maneira cada vez mais intensa e profunda. É nesse curso de avanços e resistências que esse livro pretende inscrever-se. E aí não cabe mais fazer vista grossa aos compromissos patriarcais de Freud e de outros psicanalistas pós freudianos. Formulações psicanalistas que porventura compactuem e alimentem visões obtusas precisam, mais do que nunca, de respostas contundentes. Isso não significa anular os pensamentos de Freud ou a psicanálise, nem muito menos, colocá-la declarando sua invalidade. Ao contrário: revisar certas elaborações metapsicológicas ou orientações clínicas que pareçam obsoletas para repensá-las hoje é justamente o caminho que permite manter viva a força da psicanálise. Sem essa circulação encarnada no presente, ela morre por asfixia. Aliás, a psicanálise preserva sua potência justamente por sua capacidade de invariavelmente se reinventar. (MARTINS; SILVEIRA, 2020, p. 8-9)

Para compreender o papel que (ainda) é atribuído à mulher em nossa sociedade atual, é necessário investigar desde a divisão inicial de tarefas entre homens e mulheres, passando pela história da mulher e da civilização, para então analisar a desigual distribuição de poder e valor entre os sexos biológicos, a extensiva opressão sobre as mulheres, as táticas de controle para atingir e manter a subordinação da mulher e sua cooperação com o patriarcado. Até chegarmos enfim à luta feminista e suas conquistas, tão fortes e ativas na atualidade, rompendo cada vez mais com esse sistema. A compreensão dessa história se faz muito necessária, e a partir dela, pode-se perceber fatores que influenciam direta ou indiretamente na construção da subjetividade feminina, compreendendo aqui o feminino como significativo derivado dos atributos socialmente associados à mulher.

Segundo Travassos (2003), em uma perspectiva evolucionista, as mudanças biológicas necessárias para evolução da espécie modificaram radicalmente a vida da mulher primitiva, e suas atitudes frente a essas mudanças deram início à civilização tal como conhecemos hoje. A partir da posição bípede - há aproximadamente quatro ou cinco milhões de anos - e a conseqüente diminuição dos quadris, o risco da perda, tanto da criança quanto da mãe, aumentou significativamente. Sendo assim, a mulher passou do cio para a regra menstrual devido a um processo adaptativo. Dessa forma, tornou-se possível conceber todo mês, expandindo a propagação da espécie, porém, o número de crianças mortas no parto ainda sobressaía ao número das que sobreviviam.

Travassos (2003, p.77) explica que “[...] as leis de adaptação levam então à sobrevivência daqueles que nascem com o menor cérebro, mas um cérebro pequeno significa também uma capacidade menor de resistir aos primeiros meses de vida.” Conseqüentemente, isso gerou crianças com uma maior dependência das mães, que perceberam a importância de um cuidado prolongado para garantir a sobrevivência de suas crias. Esses cuidados estendidos dificultaram suas caçadas e, assim, para manterem a propagação da espécie, as mulheres precisaram se aliar aos homens, propondo-lhes então uma divisão inicial de tarefas.

Assim, a fêmea da espécie dá início à sociedade e à cultura humana. Sua parte nesta divisão das tarefas não é então apenas cuidar dos filhos enquanto estes não podem fazê-lo por si mesmos. É também providenciar aqueles alimentos que fazem parte da dieta da espécie e que lhes são mais fáceis de obter sem ter que se afastar dos filhos. Inicia neste momento a dupla jornada de trabalho da fêmea humana. Paulatinamente, vão sendo criados instrumentos para facilitar

a sobrevivência. Os homens buscam formas mais eficazes de abater os animais e, as mulheres, de conservar os alimentos. As mulheres possuem, então, no mínimo o mesmo valor que os homens, não apenas porque a sobrevivência do grupo depende também de seus esforços, mas por estar relacionada, de forma exclusiva, à perpetuação da espécie. (TRAVASSOS, 2003, p.77)

Com essa divisão de tarefas os homens possuíam maior tempo livre e maior liberdade de ação. Assim passaram a desenvolver ferramentas e utensílios. A abdição da vida nômade trouxe duas importantes consequências: a observação de animais pastorados, levando à descoberta de que o homem também participa da reprodução, o que resultou na perda de valor e importância da mulher e, também, no senso de propriedade privada. Esse senso territorialista ocasionou guerras, onde os homens eram os que lutavam, já que além de usufruírem de maior tempo livre e das armas fabricadas, desenvolveram muito mais seus músculos ao se dedicarem exclusivamente à caça; enquanto a mulher estava ocupada garantindo o cuidado e a proteção das crianças e coletando alimentos para garantia de sobrevivência, no mínimo. (TRAVASSOS, 2003)

Freud (2018, p.419), em uma carta a Einstein, conta que no início da civilização o poder era atribuído àqueles que tinham maior força física e, posteriormente, à utilização de armas, substituindo ou somando à força muscular. “[...] vence quem possui as melhores armas ou as emprega mais habilmente.”. Sendo assim, pode-se considerar que a glória de ser vencedor de uma guerra, propiciou uma ideia de superioridade daqueles homens. Talvez seja nesse ponto da história que se iniciaram os privilégios dos homens, referidos por Beauvoir, que possibilitaram o início de um processo de dominância e poder.

Travassos (2003, p.78) elucida que esses fatores somados deram início a uma maior valorização das atividades masculinas. O uso de seus instrumentos criados passa “[...] a significar a possibilidade de dominação sobre os mais fracos.”. Essa valorização dá um lugar diferenciado ao homem, lhe sendo atribuído poder e prestígio.

No âmbito sexual, “[...] a função instintiva de manutenção da espécie [...]” vai perdendo lugar para a “[...] obtenção de prazer através da descarga da tensão acumulada no organismo.” Por ter suas tarefas mais valorizadas, o homem começa a se sentir mais importante, e interpreta que o prazer e o sexo são direitos seus. Nesse momento, apesar do homem compreender sua participação na reprodução, considera

as crianças um pertencimento do grupo, e elas significam para eles apenas mais bocas para alimentar. (TRAVASSOS, 2003, p.78)

Já a mulher começa a evitar o sexo na tentativa de evitar a concepção, pois além de sua gravidez não ser mais valorizada, o preço do prazer sexual é: o desconforto da gravidez, as dores do parto, a possibilidade de morte e todo o trabalho nos cuidados da criança. Logo, o homem que se sente no direito do prazer e que se apresenta mais forte por sua atividade de caça, passa a dominar a mulher, lhe forçando o sexo. Neste momento, a compreensão de que a gravidez deriva do sexo não gera, no homem, tentativas de evitação ou abstinência à prática. (TRAVASSOS, 2003, p.78)

Ao compreenderem os prejuízos causados pelos combates, o homem percebe que não vale a pena viver em guerra, propondo um acordo de paz com seus rivais. Para selarem esse acordo as mulheres são utilizadas como presentes e trocadas entre as tribos. A mulher, que já era usada como objeto sexual, torna-se um objeto de troca.

A partir do momento que um grupo de homens passa a sentir-se dono da terra que habita, dono das mulheres e dono das crianças, esse grupo sentir-se-á ameaçado por outros. Paralelamente, o homem percebe que viver em guerra com outros homens pode não ser compensatório, pois muitos grupos não são assim tão fáceis de ser dominados – suas terras tomadas e seus componentes escravizados. Assim, surge no homem o desejo de viver em uma paz relativa. Da mesma forma, precisa instituir laços de amizade com outros homens não só para evitar que o ataquem, mas também porque pode depender dos "bens" que estes homens, fora de seu grupo original, tenham para oferecer. Para firmar a paz, o homem inicia então a troca das mulheres, já que as considera como uma posse. Novamente – como no caso da divisão de tarefas – a fêmea é o motivo crucial de um passo sem precedentes no processo da cultura humana. A diferença é que, desta vez, ela não participa deste processo como sujeito, mas sim como objeto. Com a substituição paulatina da posse grupal pela posse do indivíduo, gerada justamente pela troca de mulheres de uma comunidade à outra, e a consequente formação de famílias nucleares, os homens começam a valorizar a própria paternidade de uma maneira inédita. Já que não se trata mais de defender o que é do grupo, mas de defender o que é seu, e já que a imortalidade lhe é impossível, pelo menos que existam pessoas para ficar com estas posses que tenham algum motivo para merecê-las. (TRAVASSOS, 2003, p.78-79)

A família se aproxima cada vez mais do que conhecemos atualmente. Resultante à guerra, entre os povos dominados, as mulheres passam a ser escravizadas sexualmente. A dominação pela força é substituída pela dominação da razão. “Ganha a guerra aquele que tem maior poder bélico e maior inteligência, mais do que força física. Mas o pensamento, a aprendizagem, a conquista intelectual, [CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 380-405, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

continuam um direito do sexo dominante.”. À mulher restam duas tarefas derivadas do coito, pois elas devem satisfazer os prazeres do homem e gerar seus herdeiros. (TRAVASSOS, 2003, p.79)

Travassos (2003) elucida que a partir de então, os conceitos de homem e mulher passam para um modelo de sexo único. Ao homem é atribuído maior valor e importância na reprodução. Enquanto a mulher é tomada como um “homem invertido”, um ser inferior.

Gerda Lerner defende a teoria de que nunca na história houvera uma civilização matriarcal. Há fortes indícios de sociedades de matrilocidade e matrilinearidade - que é quando o homem, ao se casar, se muda para a casa/cidade da mulher, seguindo seus costumes e tradições - mas não teria existido em nenhuma delas um poder dominante feminino, onde as mulheres, de forma grupal, “tivessem poder de decisão sobre os homens ou definissem as regras de conduta sexual, ou mesmo controlassem as transações de casamento.”. O que se encontra na história são algumas poucas sociedades onde há um certo equilíbrio de poderes entre homens e mulheres, e, em alguns casos, mulheres em posições de autoridade, porém, nunca havendo uma soberania feminina total e grupal concomitantemente. (LERNER,2019, p.58)

O sistema patriarcal teve início há três mil anos a.C. e continua ativo até os tempos atuais. O paternalismo é definido pela soberania masculina sobre mulheres e crianças, na família e na sociedade como um todo, significando que homens detém o poder, enquanto as mulheres são subordinadas à essa dominância. “[...] é um contrato verbal de troca: sustento econômico e proteção do homem em troca de subordinação em todos os aspectos, servidão sexual e trabalho doméstico não remunerado da mulher.” (LERNER, 2019, p.291)

Em alguns momentos da história encontra-se algumas melhorias da condição feminina – certos poderes e autonomias concedidos à algumas mulheres (majoritariamente brancas, de classe média à alta) – que, para alguns historiadores e antropólogos, podem ser lidas como “liberdade” para determinadas mulheres. Porém, o que acontece é uma adaptação do patriarcado para atender demandas feministas, sem que haja uma real modificação na estrutura do sistema. São processos muito importantes na luta das mulheres, conquistas que merecem destaques na história, porém, seria uma ilusão acreditar que significam uma ruptura com o patriarcado. Se faz necessária uma “extensa revolução cultural”, permeada de muitas reformas para

que se alcance o fim do patriarcado e a libertação de todas as mulheres. (LERNER, 2019, p.267)

Segundo Lerner (2019), são necessárias diversas táticas para manter as mulheres em subordinação. Essas táticas levam à participação e cooperação das próprias mulheres, o que é fundamental para o funcionamento do patriarcado. Uma das principais formas de se conseguir isso é o apagamento da história das mulheres, invisibilizando suas lutas e conquistas. Além de toda essa negligência, também foram omitidos seus registros e suas interpretações. É a partir da leitura da história que são feitas projeções para o futuro. A história conecta o passado com o futuro, sem esse elo, além da mulher perder o acesso a seu passado, ela fica à mercê de um futuro projetado para (e por) homens.

Além disso, as mulheres foram impedidas “[...] de criar sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis. Elas não apenas vêm sendo privadas de educação ao longo da história em toda sociedade conhecida, mas também excluídas da formação de teorias.” Aliada a essas cruéis privações, a doutrinação de gênero foi outra tática essencial para manter a cumplicidade das mulheres para com o patriarcado. Acreditando numa inferioridade e necessidade de proteção masculina, a mulher pertence e nutre esse sistema. (LERNER, 2019, p. 29)

Com o objetivo de romper com esse sistema, surge o feminismo, movimento iniciado no século XIX, de pensamento crítico e ação política democrática, que defende a liberdade das mulheres, lutando contra a desigualdade entre os gêneros, o machismo e as narrativas de controle social. Há mais de 200 anos, “[...] as mulheres se uniram para exigir o direito à herança, o direito à propriedade, o direito de abrir as próprias empresas, o direito de fazer empréstimos, o direito ao emprego, a salários iguais para trabalhos iguais e à opção de se sustentar [...]”. (MARÇAL, 2017, p. 11).

Por muito tempo fora atribuído à mulher uma dupla jornada de trabalho não remunerada e sem valor social. Exemplificado pelo cuidado da casa e dos filhos, esses eram (e por vezes ainda são) papéis essencialmente ligados ao sexo feminino. Trabalhos invisíveis. Com os avanços trazidos pelo feminismo, a mulher passa para o mundo externo, trabalhando fora e recebendo salários - pelos quais elas precisam lutar para que se igualem aos dos homens. Isso trouxe enormes consequências para o mundo econômico e a vida familiar. (MARÇAL, 2017)

De acordo com Naomi Wolf (2020), conforme as mulheres foram se afastando da domesticidade, outra forma de controle social ascendeu: “o mito da beleza”. Esta é a “nova” ideologia do feminino, que assumiu o controle da vida das mulheres, já que antigas ideologias com funções de coerção social sobre as mulheres - como sexualidade feminina, maternidade e passividade - declinaram a partir dos movimentos feministas.

Não que essa ideologia seja literalmente nova, pois de certa forma, sempre existiu dentro do patriarcado. Além disso, os códigos de beleza começaram a imperar em 1830 e foram se intensificando com o avanço da industrialização. Entretanto o que reinou nesse momento foi a “Mística Feminina”, que domesticava as mulheres, mantendo-as dentro de casa à espera dos maridos, com trabalhos não remuneráveis, uma sexualidade velada e amarradas pelos mitos da maternidade. (WOLF, 2020)

É a partir da segunda onda do feminismo – que teve início na década de 60 - com a quebra das correntes da “Mística”, que a economia, ao se ver ameaçada por perder suas principais consumidoras, investe na beleza para reconquistá-las. Essa torna-se então a ideologia que resta para manter o controle sobre as mulheres. Tanto das empresas capitalistas (que ainda eram totalmente chefiadas por homens), quanto da sociedade patriarcal como um todo, que cobra e oprime as mulheres por conta de suas aparências. “À medida que as mulheres iam exigindo acesso ao poder, esta estrutura recorreu ao mito da beleza para prejudicar de modo substancial o progresso das mulheres.” (WOLF, 2020, p.39)

Essa ideologia teria que ser, ao contrário da Mística Feminina, uma neurose portátil que a mulher pudesse carregar consigo para dentro do escritório. Parafraseando Friedan, por que nunca se diz que a função realmente crucial que as mulheres cumprem ao desejarem ser lindas é a de *comprar mais produtos para o corpo*? De alguma forma, alguém em algum lugar deve ter imaginado que elas comprarão mais se forem mantidas no estádio de ódio a si mesmas, de fracasso constante, de fome e insegurança sexual em que vivem como aspirantes à beleza. (WOLF, 2020, p. 103)

A beleza é uma construção social, que se altera de acordo com a cultura, não ligada a nenhuma forma de evolução. Pelo contrário, o que temos é uma beleza imposta e opressora, determinada e cobrada pela dominância masculina e empresas capitalistas. Está mais ligada ao comportamento que é gerado pelo mito, que à própria aparência. (WOLF, 2020)

Enquanto as mulheres ficam completamente presas à competição entre si mesmas, reféns da aprovação e do olhar externo, com seu tempo e rios de dinheiro desperdiçados na busca de uma imagem ideal, com a saúde mental e física abaladas e comprometidas, podendo colocar suas vidas em risco, o patriarcado se mantém ativo e fortalecido. Por isso cria mulheres eternamente insatisfeitas consigo mesmas, odiando seus corpos, enfraquecidas pela baixa autoestima e desunião. Leais ao sistema, ao consumo e à busca por uma beleza irreal e insustentável. (WOLF, 2020)

É indiscutível que o patriarcado deixa marcas gigantescas na sociedade, principalmente na vida das mulheres, que sofrem diretamente com suas práticas de controle e opressão. Sendo assim, a psicanálise moderna precisa olhar para a história da mulher, compreendendo sua importância para construção e revisão das teorias sobre o feminino. Pois, se historicamente, à mulher e ao feminino, lhes é atribuída uma noção de inferioridade que resulta em diversos processos de opressão, é preciso associá-los à formação da subjetividade feminina.

Ao teorizar sobre a mulher, as percepções de Freud e suas constatações esbarram em questões socioculturais de gênero, sem que ele perceba. O tópico a seguir traz sua teoria e analisa os atravessamentos dos pensamentos de sua época.

3 A TEORIA DA SEXUALIDADE FEMININA DE FREUD, E SEUS CONCEITOS SOBRE AS MULHERES

Freud escreveu diversos textos para explicar a sexualidade feminina e a constituição do feminino, porém, não existe em suas propostas uma homogeneidade de ideias. Inicialmente, Freud (1976) apresenta o complexo de Édipo na menina de forma muito próxima e análoga a do menino e, posteriormente, descreve (2018) o complexo de Édipo da menina como mais difícil e mais complexo. Freud (2018) abre um debate com as feministas e, talvez por influência destas, associa questões sociais ao processo de constituição do feminino, atualizando sua teoria.

Freud (2018) entende a semelhança dos órgãos sexuais como uma indicação de uma bissexualidade, onde o indivíduo seria homem e mulher ao mesmo tempo, nas quais as proporções se misturariam, possibilitando uma flutuação. No entanto, uma sobressairia à outra, determinando a sexualidade. Porém a constituição do feminino e do masculino vai além da anatomia, pois qualidades mentais também são

atribuídas nessa constituição. Dessa forma, a noção de bissexualidade também se estende para a vida mental.

De acordo com Freud (2018), há uma relação entre masculino e atividade e feminino e passividade, sendo assim, facilmente pode-se associar a agressividade ao masculino. Mas considera um erro dizer que a passividade é própria do feminino, e atividade própria do masculino, já que ainda dentro da esfera sexual, e principalmente afastada dela, essas posições se alternam nos dois gêneros. O que considera que poderia então ser apontado como característica do feminino é a preferência por comportamentos e fins passivos, sendo sua vida sexual um modelo que pode ser seguido em maior ou menor grau.

Freud (2018) alerta para que não haja subestimação das influências dos costumes sociais, que impõem a passividade às mulheres, mas não adentra na questão. Afirma que há uma relação invariável entre feminilidade e vida instintual muito importante de se considerar. Por fim, explica que a anulação da agressividade na mulher se dá pelo seu processo constitutivo e por exigências sociais, e assim desenvolve os impulsos masoquistas, pois as tendências destrutivas se voltam para dentro. Dessa forma, para Freud, o masoquismo é verdadeiramente feminino.

Segundo Freud (2018), assim como no menino, o primeiro objeto de amor da menina é a mãe, porém, da mesma forma que ela precisa deslocar a zona erógena do clitóris para a vagina (até então desconhecida por ela), há uma transferência de sua vinculação inicial para a relação com seu pai, se afastando de sua mãe. Este distanciamento é permeado por ambivalência, possuindo simultaneamente natureza carinhosa, hostil e agressiva.

Várias são as razões que Freud (2018) destaca para justificar esse afastamento, permeado de queixas e acusações contra a mãe, mas a principal que define esse destino natural, e que diferencia do menino, é a falta anatômica. Segundo ele, as meninas responsabilizam a mãe pela falta do pênis, não perdoando o corpo desvantajoso que receberam de sua mãe. É nessa época que elas descobrem as diferenças dos sexos, e sentindo-se injustiçadas, sofrem com a inveja do pênis, que marca seu desenvolvimento, modulando seu caráter.

O teor essencial da primeira é que a menina, que até então viveu de modo masculino, soube obter prazer pela excitação do clitóris e relacionou essa atividade com seus desejos sexuais em relação à mãe, frequentemente ativos, permite que a influência de inveja do

pênis estrague a fruição de sua sexualidade fálica. Magoada em seu amor-próprio pela comparação com o garoto, mais bem aparelhado, ela renuncia à satisfação masturbatória com o clitóris, rejeita seu amor à mãe e, não raro, reprime assim uma boa parte de seus impulsos sexuais. O afastamento em relação à mãe não ocorre de uma só vez, pois a menina vê sua castração inicialmente como uma desgraça pessoal, só aos poucos a estende a outros seres femininos, por fim também à sua mãe. Seu amor dizia respeito à sua mãe fálica; com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto amoroso, de modo que ganha proeminência os motivos para hostilidade, longamente acumulados. Isto significa, portanto, que com a descoberta da ausência de pênis a mulher perde valor para garota, tanto como para o garoto e depois o homem, talvez. (FREUD, 2018, p.282)

De acordo com Freud (2018), com o amparo de impulsos instintuais passivos, a menina se volta para o pai, com o desejo de receber o que sua mãe não lhe deu, ou seja, o pênis. Porém a situação feminina só é estabelecida quando o desejo do pênis é deslocado para um desejo de possuir um bebê do pai. Anteriormente a menina já demonstra esse desejo de ter um bebê, contudo, é um desejo fruto da identificação com sua mãe, onde ela repete com as bonecas o que vivenciou, na tentativa de saída da passividade vivida nessa relação, para atividade em sua brincadeira.

Ele explica que através de uma correspondência simbólica fálica, a menina transfere o desejo do pênis ao bebê, e isso marca a entrada no complexo de Édipo (no qual ficará por tempo indeterminado, e não sairá completamente). Nesse momento sua mãe se torna sua maior rival, pois ela recebe do pai tudo que a menina gostaria de receber dele. A partir de suas decepções com seu pai, a menina é impelida à uma regressão ao complexo de masculinidade. (FREUD, 2018)

Freud (2018) atribui alto grau de narcisismo à feminilidade, onde é mais importante, para a mulher, ser amada do que amar. Sua vaidade seria uma compensação à sua inferioridade sexual original, derivada da inveja do pênis. O pudor seria uma característica feminina, onde a mulher teria a intenção de cobrir suas defeituosas genitálias.

Segundo Freud (2018, p.290), não é atribuído às mulheres nenhuma invenção ou descoberta na história da civilização, “[...]mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a de tecer e trançar.”, que possui um motivo inconsciente, no qual “[...] a própria natureza teria fornecido o modelo pra essa imitação, fazendo crescer, na maturidade sexual, os pelos que cobrem os genitais.” Finaliza dizendo que se os senhores que o ouviam não achassem essa ideia fantástica e se convencessem da importância da inveja do pênis, nada mais ele poderia fazer.

Freud (2018, p.293) considera que a mulher possui pouco senso de justiça, e atribui a isso a inveja na sua vida psíquica. Julga também que elas possuem os interesses sociais mais fracos e uma menor capacidade de sublimação. Conta que diferente dos homens da mesma idade, as mulheres de trinta anos que atendia o assustavam com “[...] fixidez e imutabilidade psíquica [...]”, onde sua libido tomava posições definidas, das quais elas pareciam incapazes de abandoná-las por outras. Por fim, alega que “Não há trilhas para mais desenvolvimento”.

3.1 AS INFLUÊNCIAS DO PATRIARCADO NA OBRA DE SIGMUND FREUD

Aline Martins e Lívia Moreira (2020, p. 102) problematizam “[...] o ambiente discursivo patriarcal que rodeava os primórdios da psicanálise.” Elas trazem a ideia de que “[...] não há como separar o psíquico do social [...]”. Dessa forma, consideram que o Complexo de Édipo pode ser entendido como consequência da influência do sistema patriarcal na psicanálise, desde os fundamentos que serviram de base para a construção da teoria, até os processos por meio do qual os sujeitos absorvem essa dinâmica de poder e hierarquização, “representados pela família patriarcal”, ou seja, a introjeção de pensamentos e valores que dão origem ao Complexo de Édipo.

É simples, hoje, com os avanços do feminismo, perceber o atravessamento do patriarcado em toda obra de Freud, mesmo quando o assunto não tem a ver com gênero, diretamente. Na verdade, o atravessamento do patriarcado se estende a todos que estão submetidos a ele, integrantes dessa cultura e suas instituições, e pode ser identificado em pequenas frases e comentários ingênuos, que passam despercebidos, mas que trazem enraizados os pensamentos patriarcais.

Freud (2020, p.159) explicando sobre a *weltanschauung* religiosa e o espírito científico, traz uma aproximação entre as explicações religiosas sobre a origem do universo e o pensamento infantil. Em seus comentários fica evidente a valorização masculina, ao colocar recorrentemente o pai como figura central dos cuidados e proteção da criança. O pai “[...] à qual a criança deveu sua existência [...]” e “[...] também protegeu e cuidou da criança em sua debilidade e desamparo [...]”. Mesmo considerando que o mais correto seria a referência à “[...] instância parental composta do pai e da mãe [...]”, Freud continua se referindo apenas ao pai, excluindo a mãe

dessa equação. Mesmo essas sendo, na maioria das vezes, funções socialmente destinadas à função materna.

Freud acha interessante a constatação de que, quase sempre, as religiões colocam a criação do universo na conta de um único ser, geralmente um homem e que “[...] embora não sejam nada raras as indicações referentes a deidades femininas; algumas mitologias realmente fazem a criação começar com um deus masculino eliminando uma divindade feminina, que é degradada em monstro.”. Ao invés de analisar criticamente o porquê da força divina ser associada a um homem, ou melhor, ao pai, e por que o deus masculino elimina a divindade feminina, rebaixada a um status de monstro, ele não dá importância para tal fato, colocando como problemas de detalhes, e reduz sua teoria a explicar apenas que o homem religioso associa a origem do universo, o que imagina de sua própria origem. “A psicanálise infere que realmente é o pai, com toda a magnificência em que, durante determinada época, ele aparecia para a criancinha.”. (FREUD, 2020, p.159)

De acordo com Fiorini (2009), os discursos vigentes e as ideias que imperavam na Viena de Freud induziram determinadas construções teóricas e práticas, porém, o contexto sociocultural e sua obra não possuem uma relação direta de causa e efeito. A burguesia e o patriarcado são apenas um aspecto de influência possível.

Segundo a autora (FIORINI, 2009), Martha Bernays enviou a Freud, durante o namoro, uma carta relatando que Stuart Mill questionou em seus escritos o lugar secundário submetido às mulheres na sociedade, e a resposta de Freud também demonstra como suas ideias estavam imersas em lógicas patriarcais. Além disso, ela alega que os conceitos freudianos sobre a mulher na conferência da “Feminilidade” (1933) estão carregados de discriminação.

Um outro fator importante, destacado por Fiorini (2009, p.129), é o âmbito epistêmico em que sua teoria foi criada, onde pensamentos obedeciam aos códigos da modernidade. “Lembremos das noções de continente negro (1926), o enigma, o misterioso, a mulher como tabu. Isto responde ao que Foucault (1966) denominou a episteme da Modernidade, baseada na oposição entre o Si Mesmo e o Outro.” A mulher seria esse outro, que é desconhecido e estranho, e assim ataca as certezas do ego.

Nessa lógica, a posição masculina fica identificada com a de sujeito do conhecimento e sujeito do desejo, e dessa posição se localiza outro lugar: o do [CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 380-405, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

enigma; enigma porque não entra nas coordenadas do sujeito de conhecimento. É outra realidade: a otredad. E assim permanece desmentida a subjetividade e a sexualidade feminina. (FIORINI, 2009, p.129)

Birman (2001) e Schiller (2000) citados por Travassos (2003), contam que se encontravam nos escritos médicos do século XIX os quatro comportamentos da mulher considerados como desviantes, que poderiam levar a prisão ou ao confinamento psiquiátrico. São eles: a prostituição, o infanticídio, a ninfomania e a histeria. Em 1872, era defendida, por um médico, a remoção dos ovários em mulheres que apresentassem loucura, histeria ou "personalidade estranha". "Outros médicos, neste mesmo século, recomendam que as mulheres com 'apetite sexual excessivo', e, também, aquelas que se masturbam, tenham seus ovários, seu útero e – por vezes – seu clitóris, retirados". (TRAVASSOS, 2003, p.76)

Esse é o contexto social de onde surgiram as ideias de Freud. Não que ele o tenha seguido pois, certamente, rompeu com muitos preconceitos e preceitos da época sobre as mulheres. Mas fora contaminado pelas premissas de uma supremacia masculina, negligenciando a história da mulher e toda lógica de opressão à qual são submetidas. Construindo, assim, teorias que não analisam o efeito do patriarcado sobre a subjetividade, seja ela masculina ou feminina.

Porém Karen Horney, psicanalista contemporânea a Freud, alertou sobre o equívoco de uma teoria da sexualidade feminina que desconsiderava a história e fatores socioculturais. Dessa forma, pensou para além do pensamento freudiano, rompendo com os pensamentos da época e atualizando a teoria sobre a mulher.

4 A PSICOLOGIA FEMININA DE KAREN HORNEY E SUAS CRÍTICAS A TEORIA DA FEMINILIDADE DE SIGMUNDO FREUD

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p.355 - p.356), Karen Horney se opôs a teoria sobre o feminino, da qual "[...] consideraria um insulto às mulheres [...]". Afirmou que, sendo a psicanálise um produto de uma mente masculina, ela não era capaz de solucionar o dilema do feminino, e "[...] que a sociedade masculina recalcava a inveja da maternidade dos homens."

De acordo com Simões (2017, p.3), ao lado de Horney estavam Melaine Klein, Helen Deutsch, Julia Kristeva, Adriene Rich e Nancy Chodorow, que contribuíram com

[CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 380-405, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

produções refutando o modelo tradicional edípiano e questionando temas como a sexualidade da mulher e a maternidade. Segundo a autora, o contexto - década de 20 e de 30 - era de alvoroço nos círculos psicanalíticos, onde “[...]outros autores também vinham criticando a teoria freudiana e viam urgência em rever sua teoria da triangulação edípica aos moldes da burguesa patriarcal.”

As críticas dessas autoras sobre o lugar que tinha o feminino na psicanálise foram fundamentais para a teoria seguir além de Freud sobre as questões edípicas; sobre passividade feminina; e o masoquismo intrínseco à mulher, entre outras abordagens que terminavam por determinar esses e outros atributos sociais. Esse contraponto proporcionou um relevante debate sobre sexualidade feminina e sobre ser mulher, abrindo outras análises sobre a perspectiva patriarcal das teorias vigentes, propondo um caminho distinto para pensar a maternidade e a feminilidade além da via edípica falocêntrica. (SIMÕES, 2017, p.3)

Karen Horney (1959, p.91) aponta que nada sinaliza que o desejo por possuir um pênis (ou a esperança de que seu clitóris se desenvolva tornando-se um pênis), seja maior que o desejo de ter seios, indicando que ambos seriam de igual valor para a menina. Além disso, cita Alfred Adler, e sugere que fatores culturais poderiam ser uma das razões para o desejo de ser um homem, já que a sociedade lhes garante privilégios e valoriza suas características, lhes atribuindo e permitindo qualidades como: “[...] força, coragem, independência, sucesso, liberdade sexual e o direito de escolher um companheiro.”

Horney admite como “[...] verdade axiomática [...]” o sentimento de desvantagem que a mulher sente, sem que isso possa ser considerado, de fato, um problema. Critica então a falta de explicações, provavelmente oriundas de um narcisismo masculino, que faz com que fique evidente demais para precisar de esclarecimentos. Declara ser insatisfatório para convencer-lhe de que as formas de complexo de castração nas mulheres, baseiam-se na “[...] ambição de ter um pênis”. (HORNEY, 1991, p. 35-36)

Ela não atribui a fatores culturais a explicação dos impulsos reprimidos por detrás do desejo da masculinidade, pois para ela não existe uma resposta universal. Para cada paciente deve-se buscar uma resposta particular. A partir de sua experiência percebe que uma das causas mais recorrentes e legítimas desse desejo “[...] é a impossibilidade de viver conforme certas noções engrandecidas a respeito do

‘eu’, noções que, por sua vez, são necessárias porque servem para encobrir várias pretensões não reconhecidas, como tal, pelo indivíduo.”. (HORNEY, 1959, p.91)

Horney aponta que, para a psicanálise, “[...] o complexo de castração nas mulheres é totalmente centrado no complexo da inveja do pênis; de fato o termo complexo de masculinidade é praticamente usado como sinônimo.”. Sendo assim, Karen se questiona sobre como observar esse tão típico acontecimento, colocado como tão recorrente, em mulheres que simplesmente não apresentam nada que “[...] torne compreensível inveja desta espécie e quando nenhum ‘desastre acidental’ na experiência feminina fez com que o papel masculino parecesse mais desejável”. (HORNEY, 1991, p. 36)

Além disso, a autora (1991) destaca a comum proibição às meninas de exibição de seus órgãos genitais, o que pode ocasionar, a partir de sua tendência exibicionista, uma regressão a um estágio de desejo de exibir todo o corpo. Essa proibição resulta em um status de grande enigma aos olhos dos homens, pois seus órgãos encontram-se sempre escondidos, ao passo que os órgãos masculinos se encontram visivelmente protrusos.

Segundo Karen Horney, invejariam igualmente aos meninos a possibilidade de exibição que lhes é dada. E conta: "Uma doente exclamou subitamente, depois de ter visto na rua um homem urinando: Se pudesse pedir alguma coisa à Providência, seria poder urinar, uma única vez na vida, como um homem". Parece às meninas que o menino, tendo direito de bulir no pênis, pode servir-se dele como de um brinquedo, ao passo que os órgãos femininos são tabus. (BEAUVOIR, 1967, p.16)

Outra proibição seria a de se tocar, enquanto ao menino há livre permissão para tal, tendo em vista que este pode livremente segurar o pênis para urinar. “Assim, uma paciente que viu um pai reprovando a filha por tocar com as mãozinhas aquela parte do próprio corpo disse-me bastante indignada: ‘Ele a proíbe de fazer isso; no entanto, ele mesmo o faz umas cinco ou seis vezes por dia’.”. (HORNEY, 1991, p. 39)

Ela coloca que, quando a problemática fálica está em voga para a criança, a inveja do pênis se coloca como um fato concreto pela limitação nas possibilidades de gratificação que as meninas encontram. À menina seria proibido masturbar-se com mais veemência que ao menino. Isso acontece por uma maior repressão sexual direcionada às mulheres, e também pela admissão que o menino tem de se tocar, tendo em vista que ele precisa segurar sua genitália para urinar, o que lhe traz também permissão para se masturbar. (SILVA, 2019, p.32)

Para Horney, não seria primário o sentimento de inferioridade sentido pelas meninas, mas ao se compararem aos meninos, elas teriam a impressão de estarem

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 380-405, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

“[...] sujeitas a restrições no que se refere a possibilidade de satisfazer certos componentes instintivos que são da maior importância no período genital.”. Concretamente, as meninas se sentem em desvantagem aos meninos, do que diz respeito à determinadas gratificações que lhes são negadas e reprimidas. É uma desvantagem real que as meninas encaram, tornando quase inevitável o surgimento da inveja do pênis em alguma medida.

Horney (1991, p.58-60) observa que os homens têm uma grande necessidade em desvalorizar as mulheres. Ela compreende “[...] que o dogma da inferioridade das mulheres originou-se numa tendência inconsciente masculina[...]”. Naturalmente conclui que os pensamentos masculinos orientam certas mulheres, definindo seus comportamentos. Dessa forma, o desejo de ser homem “[...] pouco tinha a ver com a inveja precoce do pênis, infantil, primária, mas que é formação secundária, englobando tudo que foi malogrado no desenvolvimento da feminilidade.”.

Horney (1959, p.91) considera que interpretações como inveja do pênis dificultam a compreensão de dificuldades fundamentais como a ambição, que afetam os neuróticos, tanto homens quanto mulheres, e que pode ser extremamente destrutiva, ficando impregnada de angústia e assim sendo necessário o recalçamento. Porém “[...] como uma consequência da situação cultural, na mulher uma ambição⁴ destrutiva recalçada pode-se expressar por meio do símbolo, comparativamente inócuo, do desejo de ser homem.”.

Karen Horney lembra que a psicologia feminina foi criada por homens, e avalia que Freud abordou muito mais o desenvolvimento do menino, enquanto a construção da teoria feminina se reduziu ao oposto desse viés masculino. Para ela foram atribuídos valor e destaque à psicologia masculina e suas relações, enquanto para a mulher, sobrou nada além do inverso, com apontamentos de sua suposta inferioridade e faltas anatômicas. “[...] segundo Delius, a psicologia da mulher representa até hoje o depósito dos desejos e frustrações dos homens”. Além disso, Horney constrói uma nova perspectiva, partindo em busca das especificidades que compõe a feminilidade, não negando a inveja do pênis, mas transportando esse tema para uma consequência secundária. (HORNEY, 1991, p.53)

⁴ Segundo Horney (1959) as ambições neuróticas seriam um forte desejo fantasioso de uma superioridade em relação a todos, sem os esforços necessários para atingir o sucesso.

Horney (1959) destaca que Freud atribuiu outras duas características que seriam inatas a mulher: o masoquismo e o temor básico da perda do amor. Para ela, a afirmação de um masoquismo inato feminino, com base em questões sexuais - feita de forma generalizada a partir de impressões acerca de mulheres neuróticas, apenas - é uma questão delicada, pois traz a ideia de que a maioria das mulheres deseja substancialmente a submissão e a dependência.

Ela afirma que realmente muitas mulheres neuróticas têm ideias masoquistas a respeito do sexo, mas não acredita que no desenvolvimento feminino encontrem-se fatores intrínsecos responsáveis pelo masoquismo, pois essa interpretação partiria da premissa sexual, ou seja, a falta do pênis ou a reação da menina ao descobrir essa falta. Para ela, “[...] o masoquismo não é um fenômeno primariamente sexual; ele é antes, o resultado de certos conflitos nas relações entre os indivíduos. Quando as tendências masoquistas conseguem se estabelecer, podem dominar, inclusive, a esfera sexual[...]” e assim, podem se constituir para obtenção de satisfação. (HORNEY, 1959, p.94)

Sendo assim, de acordo com Horney (1959, p.94), o masoquismo não é condição inata e exclusiva das mulheres. Para ela, os fatores culturais modulam o masoquismo, que se constitui em “[...] uma tentativa para obter segurança e satisfação na vida, por meio da não-notoriedade e da dependência.” É uma forma de resolver problemas que está perdendo força com o avançar das gerações, mas ainda na época de Horney, possuía grande influência, e podemos considerar que na nossa também, apesar de mais branda.

Segundo Horney (1959), as mulheres viveram por séculos afastadas de grandes responsabilidades financeiras e políticas, e foram limitadas à uma vida do lar e emocional. Elas foram reprimidas e desencorajadas a sair desse confinamento da esfera familiar e emotiva. Essa situação cultural criou na mente da mulher uma noção de felicidade, segurança e prestígio completamente relacionada ao amor. É imposto à mulher que ela deve estar sempre bela para seduzir o homem. É fácil identificar razões culturais que levam a mulher à insegurança e uma fraca autoconfiança.

É preciso analisar a mulher de acordo com o contexto socio-histórico-cultural que ela está inserida. Horney concorda que “[...] diferenças de constituição e funções sexuais influenciam a vida mental[...]”, porém, mais importante que isso, é reconhecer fatores culturais que modelam desejos e comportamentos. (HORNEY, 1959, p.99).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante compreender, no mínimo um pouco, a história da civilização, desde as transformações que ocorreram no corpo e na vida da mulher primitiva a partir da transição para a posição bípede, e que ocasionaram uma grande dependência da criança humana, necessitando dos cuidados estendidos da mãe. Essa íntima relação mãe-bebê, intensificada e prolongada pela dependência da criança, promove a capacidade para estabelecimento de outros laços sociais, posteriormente, profundos e duradouros. Essa relação (com aquela ou aquele que exerce a função materna) é essencial para a vida, para a socialização, para a cultura e, provavelmente, tenha sido a responsável pelo início da civilização humana.

As dificuldades geradas pela grande dependência das crianças, como por exemplo as atividades de caça, levaram a mulher primitiva a uma inserção de um “terceiro” na relação, que pudesse auxiliar e prover alimento e proteção à díade. O casamento se origina, então, dessa necessária divisão de tarefas para garantir a atenção, os cuidados e a proteção do bebê e da criança pequena, marcando, assim, a entrada e participação do pai nesse grupo (mesmo que este ainda não compreenda sua participação na reprodução).

O desenrolar da história da família primitiva perpassa: ao surgimento da propriedade privada; à compreensão da participação do homem na reprodução; ao início da dominância masculina; ao estupro; à objetificação e escravidão da mulher (tomada como moeda de troca); ao início da ideia de sexo único e inferioridade feminina. Paralelamente, o homem recebe uma atribuição desigual de poder, o que lhe concedeu mais tarde a construção e o regimento de códigos e leis, que rebaixam e controlam ainda mais as mulheres.

O movimento feminista deixa claro como a história da mulher é marcada pela opressão e submissão a um sistema que favorece o homem enquanto a menospreza, provido de táticas de controle social para aprisionar seus corpos, sua sexualidade, seus desejos, sua mente e sua vida. A inferioridade feminina e a superioridade masculina são construções socioculturais que foram fortemente introjetadas, deixando marcas imensuráveis na psiquê humana.

Freud deixou uma imensa contribuição para humanidade ao construir sua obra. A psicanálise revolucionou as formas de investigação psíquica e intervenções clínicas, é a base de diversas abordagens psicológicas e influencia todos os campos das ciências humanas. Mas Freud não escapou de sua cultura, marcada intensamente pelo perverso sistema patriarcal, que atravessou sua teoria da sexualidade feminina e limitou sua visão sobre o que é uma mulher. Dessa forma, a fim de ir além na teoria do feminino, Horney alcança a imprescindível inclusão dos fatores socioculturais, que ficaram à margem na teoria freudiana.

A teoria de Karen Horney compreende o quanto a cultura influi na constituição psíquica e percebe a mulher para além de pensamentos patriarcais. É uma autora que merece destaque e deveria ser mais estudada, pois a escuta psicanalítica é enriquecida ao considerar a interação entre psiquismo e fatores socioculturais.

O patriarcado induz formas de pensar, agir e ser. E, provavelmente, é devido a ele o surgimento de teorias como a inveja do pênis. Não que esta teoria não possa ser verificada, mas não faz sentido esse ser um ponto central na teoria psicanalítica, muitas vezes sustentado por psicanalistas atuais, ignorando ou no mínimo colocando à margem as violências e as diferentes formas de opressão vividas pelas mulheres, além de todo o sistema patriarcal que engloba a humanidade durante milênios. Seria talvez mais adequado pensar uma teoria do medo do falo. Sendo o falo simbolicamente atrelado ao poder - que garante privilégios - e ao mesmo tempo, anatomicamente referido à genital masculina - que pode penetrar à força, caracterizando o estupro - é mais provável que ele cause mais medo do que inveja.

Entende-se aqui “pode” como algo permitido socialmente. O poder que é injustamente atribuído ao homem, através de seu importantíssimo falo, lhe assegura muitas das vezes a impunidade de atos violentos contra a inferior mulher. A submissão estritamente controlada pelo medo protege sua liberdade, seu status e a continuidade de seus atos criminosos.

Em um mundo onde o medo é a mais potente arma de controle social - usado muitas das vezes para calar as mulheres e mantê-las reféns ao domínio masculino, restringindo suas vivências e experiências e garantindo até certa obediência ao sistema - ele deve ser considerado nas teorias psicológicas sobre as mulheres e na escuta clínica. O medo do falo é real, limitante, opressor e registra marcas (que podem

ser muito profundas) na psiquê. Quando todas as mulheres, de forma grupal e sem exclusões, estiverem livres desse sentimento, o fim do patriarcado estará próximo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: Vol.1: Fatos e Mitos. Tradução Sérgio Milliet. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2019.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: Vol. 2: A Experiência Vivida. Tradução Sérgio Milliet. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas Configurações Familiares: Mitos e Verdades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72):89-102, jun. 2007

FIORINI, Leticia Glocer. As Mulher no Contexto e no Texto Freudianos. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 42(76): 121-135, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v42n76/v42n76a09.pdf> Acesso em 01 nov. 2020

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. (1933[1932]).

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HORNEY, Karen. Novos Rumos da Psicanálise. Tradução de José Severo de C. Pereira – Editora Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, 1959.

HORNEY, Karen. *Psicologia Feminina*. Editora Bertand Brasil S. A. – Rio de Janeiro, 1991

KEHL, Maria Rita. *Deslocamento do Feminino: a Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade*. 2 ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

LEITE, G. A. MELO, Alessandro de. Patriarcado, Raça e Capitalismo: O Heterossexualismo como Padrão de Dominação, Opressão e Exploração de Vidas LGBTI. *Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC*. 2021.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado. História de Opressão das Mulheres pelos Homens*. Tradução: Luiza Sellera. Editora Pensamento-Cultrix LTDA, São Paulo. 2019

MARÇAL, Katrine. O Lado Invisível da Economia. Uma Visão Feminista. Tradução: Laura Folgueira. Editora Alaúde, São Paulo, 2017

MARTINS, A. A.; SILVEIRA, L. Apresentação *In*: MARTINS, A.A; SILVEIRA, L. Freud e o patriarcado. São Paulo: Hedra, 2020. p.7-21

MARTINS, A. de S.; MOREIRA, L. S. A Origem do Destino Criado para as Mulheres pela Psicanálise: Por uma Leitura Reparadora Através das Atas da Sociedade das Quartas-feiras *In*: MARTINS, A.A; SILVEIRA, L. Freud e o patriarcado. São Paulo: Hedra, 2020. p.102

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>: Acesso em: 01 dez. 2020

ROUDINESCO E PLON. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, L. R. da. No Princípio era o Homem. Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/198530/001098039.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 set. 2020

SIMÕES, Lília. Mulheres Psicanalistas: Provocações Sobre o Feminino que Mudaram a Perspectiva da Psicanálise. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499197875_ARQUIVO_provocacoessobreofeminino2.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020

TRAVASSOS, Eliane. Mulher, História, Psicanálise. Dissertação do Curso de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86193/226766.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 ago. 2020

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza. Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 2020.